

## O DISCENTE SURDO NO CENÁRIO EDUCACIONAL REGULAR

Wesley Veloso Cardoso <sup>1</sup>  
Joana Darc Rodrigues da Costa <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A perspectiva histórica dos surdos desde a antiguidade é marcada por restrições. Neste pensamento, considerava-se que sem a audição era impossível participar da sociedade por completo. Então, acreditava-se que os surdos eram incapazes de se apropriar do conhecimento e precisavam do canal auditivo (escutar) para se efetivar nas relações de convívio social. Conseqüentemente, a fala era considerada como a única forma de comunicação eficiente, dificultando assim a interatividade entre os surdos e ouvintes.

Nessa ótica, alterou-se a língua oral-auditiva comum à população majoritária para uma língua viso-espacial, no intuito de alcançar uma comunicação mais satisfatória entre os minoritários. Dessa forma, no Brasil desenvolve a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como outro meio legal de comunicação e expressão e, percebe-se a necessidade de a instituição formal adequar-se à realidade linguística dos alunos de maneira mais inclusiva.

Desse modo, a escola regular, como estabelecimento de ensino formal, carrega consigo a responsabilidade de envolver os sujeitos, integrando-os satisfatoriamente, visto que ela possui duas vertentes: o social e o educativo. Em vista disso, o processo educacional do aprendiz surdo deve ser reconhecido e adotado para uma melhor adequação no cenário escolar, considerando sua língua natural.

Com isso, para esta pesquisa, considerou-se o seguinte questionamento: de que forma a escola regular pode contribuir para o alcance de conhecimento adequado do aluno surdo, haja vista as barreiras educacionais que ele enfrenta? Para responder tal questionamento, tem-se por objetivo geral: investigar como se desenvolve a aquisição de saberes dos discentes surdos no contexto escolar comum. E como objetivos específicos: identificar as diferentes formas de aprendizagem na escola regular, acerca de atender o “aluno atípico”; discorrer sobre as dificuldades existentes no âmbito escolar, na relação professor-aluno; verificar as práticas que a escola dispõe para que aconteça a aprendizagem efetiva dos discentes surdos.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU, Teresina (PI), [wesleyveloso10@gmail.com](mailto:wesleyveloso10@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora pós-doutora em Estudos Linguísticos do Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU, Teresina (PI), [jodarc85@hotmail.com](mailto:jodarc85@hotmail.com)

Sob esse viés, a abordagem desta pesquisa, justifica-se, pois, apesar de existir um número exorbitante de surdos no Brasil, ainda assim, nota-se o desconhecimento da língua viso-espacial no país, que prejudica consideravelmente a comunicação entre os sujeitos. Ademais, em virtude do contato deste pesquisador com a comunidade surda aos domingos, em um trabalho voluntário de interpretação nas igrejas pertencentes à Arquidiocese de Teresina.

Assim, este artigo desenvolveu-se pela pesquisa bibliográfica, por meio da abordagem qualitativa, com fundamento no estudo descritivo. Desse modo, o trabalho se baseia teoricamente nas ideias de vários autores, nos quais: Ausubel (2000), que enfatiza com a aprendizagem significativa, que a mesma precisa partir necessariamente do conhecimento prévio, iniciando na interatividade com o meio social; Goldfeld (2002), que descreve as filosofias educacionais para a aquisição da linguagem dos surdos; Lacerda (2006), que discute sobre a inserção do aluno surdo no cenário educacional regular, dentre outros pesquisadores.

Portanto, nota-se a relevância desta pesquisa, dado que oportuniza a compreensão sobre as principais dificuldades que o aluno surdo se depara no ambiente pedagógico, possibilitando a melhoria da recepção desse aprendiz na sala de aula formal. Sob essa perspectiva, ao buscar assimilar esses desafios para o entendimento da relação acerca do alunado com surdez e instituição comum, será possível capacitar os sujeitos envolvidos na escola, reduzindo assim o preconceito e a falta do “não acesso” aos outros meios comunicacionais existentes.

## **METODOLOGIA**

O caminho metodológico traçado consiste em averiguar a aprendizagem do discente surdo no contexto escolar convencional. Quanto aos objetivos, tem-se a pesquisa descritiva, pois o intuito é descrever as principais características de um determinado grupo, em conformidade com o pensamento de Gil (2008). Já, quanto aos procedimentos técnicos, considera-se por um estudo bibliográfico, porque “é desenvolvida com base no material já elaborado, constituído principalmente em livros e artigos científicos” (GIL, 2008). Nesse viés, para o engrandecimento da pesquisa são precisos estes materiais já lançados para o alicerce da teoria, com base nas principais concepções dos pesquisadores: Ausubel (2000), Lacerda (2006) e Goldfeld (2002).

Com relação a abordagem, define-se por meio da qualitativa, uma vez que visa a “interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados [...] Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 26). De maneira correspondente para Lakatos (2011, p. 269) esta abordagem “fornece análise mais detalhada

sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”. Por conseguinte, a trajetória a ser seguida se torna inevitável para desvendar o que se almeja pesquisar, buscando decifrar as relações estabelecidas para o aluno surdo no âmbito escolar mediante a sua formação intelectual e social.

## REFERENCIAL TEÓRICO

No decorrer da história, o surdo representava somente aspectos negativos, como de pessoas incapacitadas, castigadas pelos deuses, alvos de preconceitos e até mortas, porque acreditava-se que eles eram impossibilitados de serem educados, permitindo, até então, o distanciamento da sociedade. Desta forma, Strobel (2008) corrobora com este pensamento marcado por exclusões quando menciona que, “foram feitas muitas injustiças atrozes contra nós, não aceitavam o ‘diferente’ e nossas ‘diferenças’, [...] são identificados e socialmente estereotipados e também se tende a generalizar as suas limitações”.

Outrossim, a imposição da língua falada no indivíduo surdo faz com que se acredite que o processo de aquisição da linguagem dele aconteceria mediante a língua audível, posto que teria reabilitação à normalidade ou a “não surdez” de modo a impor a regularidade dos sujeitos ouvintes (GOLDFELD, 2002). E, a prática da língua oral estabelece o rompimento da sua língua própria, evidenciando a necessidade de se comunicar pela cultura ouvinte, em detrimento do uso de um outro mecanismo comunicacional, como por exemplo: os sinais.

Diante disso, o discente com surdez na escola regular, ainda é permeado por preconceitos, e, às vezes, aos alunos surdos são negados direitos a uma educação de qualidade, uma vez que ele ainda é minoria na sociedade e, por sua vez, na escola, a atenção maior acaba sendo para os alunos ditos “normais”, o que pode gerar obstáculos e atrasos no desenvolvimento deste aluno surdo.

Contudo, respaldado nesse viés adverso, vê-se uma nova perspectiva, quando em 2002, foi legitimada a lei oficial da Libras, sendo identificada com um sistema de comunicabilidade e interação entre a comunidade surda. Nesse sentido, em seu art. 1º, parágrafo único, apresenta que esta categoria de interatividade não padrão deve ser entendida como: “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria”.

Além disso, a inserção desses alunos no cenário educacional está vinculada a dois sistemas bases, de integração e inclusão como afirma Lacerda (2006). A autora ainda corrobora com esta ideia ao mencionar que a inclusão na escola comum deve ser: “um processo dinâmico

e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos”. Ou seja, ela que será responsável no aceite e modificação da estrutura escolar para atender corretamente os discentes surdos.

Paralelo a isso, nota-se que para elucidar o princípio do conhecimento parte da conexão entre como acontece a aprendizagem do aluno com aquilo que ele precisa adquirir no decorrer de sua vivência escolar. Com isso, Ausubel (2000) explica que a aprendizagem relevante acontece quando o aluno consegue interagir com o docente e que na sequência possa internalizar o conhecimento, ressignificando em seu cotidiano.

À vista disso, o trabalho com os alunos de necessidades educacionais especiais, parte necessariamente, da valorização de suas singularidades, como também do respeito com os entraves pessoais, pois é direito de toda criança ser aceita, mesmo com as diferenças (HOLLERWEGER; CATARINA, 2014). Dessa maneira, espera-se da escola e da relação professor-aluno um treinamento coerente com as particularidades desses alunos em classe, pois esse envolvimento constitui um fator decisivo no processo de adequação escolar do aluno surdo no espaço educacional regular.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em virtude deste estudo se estabelecer como item de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso em andamento, tem-se como resultados parciais que a falta de algumas práticas fundamentais dentro da escola, nas quais podemos citar: preparação da comunidade escolar, adaptação curricular pautada na singularidade do aluno surdo e ausência de cursos e oficinas voltados a surdez e ao uso da Libras como meio de comunicação são as adversidades educacionais que os alunos surdos enfrentam diariamente.

Sendo assim, acredita-se que a desconsideração da Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicabilidade e interação entre aluno surdo e educador da escola normal reflete diretamente no desenvolvimento da aprendizagem desse estudante. Por esse motivo, os impasses para a aquisição de saberes dos indivíduos surdos decorrem mediante a ausência do diálogo dos sujeitos envolvidos no cenário educativo. Então, uma das principais contribuições que a escola pode desenvolver para aproximá-lo dela é propiciar a inclusão e considerar a Libras como língua materna e também um dos recursos linguísticos necessários para o estímulo do conhecimento, havendo uma comunicação suficiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a escolarização desse “discente atípico” até esse momento é negligenciada, visto que a inclusão escolar ainda não se efetua apropriadamente, assim, as dificuldades educacionais a esses alunos se sobressaem em detrimento dos alunos ouvintes. Por esse motivo, exige-se da instituição de ensino, a elaboração de estratégias e ferramentas voltadas ao modelo de aprendizagem deste educando, pois assim o aluno surdo vai adquirir a aprendizagem com mais significância perante esses ajustes.

Com isso, pode-se dizer que a qualidade da aprendizagem perpassa pelo protagonismo do discente, estimulando o contexto cultural de sua vivência para a construção do saber. E, com o aluno no centro do processo da educação, a instituição formal cria um local estimulante e propício à aprendizagem, dado que a pedagogia hodierna se torna imprescindível o papel do aluno ativo. Certamente, a relação da escola com o aluno surdo de maneira mais próxima faz com que a probabilidade do aprendizado se intensifique consideravelmente.

Portanto, a responsabilidade das práticas e estratégias metodológicas adaptadas são o alicerce para a continuidade dos alunos com surdez na escola regular. Assim, ao se deparar com o aluno surdo no ambiente educacional deverá buscar caminhos que contribuam para a aprendizagem significativa, visando a sua participação em sala. Todavia, para que isso ocorra de maneira plausível, visa o processo de inclusão desse aluno surdo no ensino e aprendizagem, bem como a efetivação de metodologias e materiais que se encaixem na educação formal desses discentes, reconhecendo a dimensão do mundo da surdez.

**Palavras-chave:** aprendizagem; aluno com surdez; libras; escola regular.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista. 7º ed. São Paulo: Plexus, 2002.

HOLLERWEGER, Silvana; CATARINA, Mirtes Bampi Santa. **A importância da família na aprendizagem da criança especial.** Revista de Educação do Ideau - REI, vol. 9, nº 19, 2014.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Fabiana Kauark, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos surdos:** o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Caderno Cedes, Campinas. vol 26, nº 69, p. 163-184, 2006.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes:** focalizando a organização do trabalho pedagógico. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1518t.PDF>. Acesso em: 02 jun. 2021.

LAKATOS, Eva Maria. Metodologia científica. 6ª ed. São Paulo: Atlas 2011.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História.** Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.